



## CAROLINA MARIA DE JESUS PARA ALÉM DOS CLICHÊS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A PERSONAGEM MARIA CLARA EM *PEDAÇOS DA FOME*

*Gilberto Alves Araújo<sup>1</sup>*

*University of the Witwatersrand & Universidade Federal do Pará, WITS/UFPA, School of Literature, Language and Media/Faculdade de Letras, Johannesburg/Altamira, GA/PA, South Africa/Brasil.*

*Paola Diniz Prandini<sup>2</sup>*

*Universidade de São Paulo, USP, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, SP, Brasil.*

**Resumo:** Este artigo explora diversas facetas discursivo-identitárias relativas à Maria Clara em *Pedaços da fome* (1963), de Carolina Maria de Jesus. Trata-se de um trabalho em Análise Crítica do Discurso, a partir de um olhar interseccional que compreende nuances de classe, de gênero e de raça. As discussões empreendidas apontam contrastes reveladores entre os contextos rural/riqueza e urbano/pobreza, nos quais se entretecem relações assimétricas. Para além de uma necropolítica/geografia humana da indigência, o romance constitui a miséria e a fome como elementos que descortinam desigualdades no casamento e no exercício da parentalidade. A maternidade, por sua vez, discursiviza-se não apenas como suplício, mas também como fonte de renovação e dimensão afetiva.

**Palavras-Chave:** Literatura brasileira; Carolina Maria de Jesus; Classe; Gênero; Raça.

### CAROLINA MARIA DE JESUS BEYOND CLICHES: A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE CHARACTER MARIA CLARA IN *PEDAÇOS DA FOME*

**Abstract:** This paper explores several discursive-identity aspects relating to Maria Clara in *Pedaços da fome* (1963), by Carolina Maria de Jesus. It is a work in Critical Discourse Analysis, from an intersectional perspective that considers nuances of class, gender and race. The discussions undertaken point out revealing contrasts between the rural/wealth and urban/poverty contexts in which asymmetrical relations are interwoven. Beyond a

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos do Discurso Midiático (University of the Witwatersrand) e professor assistente da UFPA (Universidade Federal do Pará). E-mail: [gilberto.aaraujo@yahoo.com.br](mailto:gilberto.aaraujo@yahoo.com.br); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8177-0730>

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação (Universidade de São Paulo) e co-fundadora da Afroeducação. E-mail: [paprandini@gmail.com](mailto:paprandini@gmail.com); ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2852-4917>



necropolitics/human geography of indigence, the novel constitutes misery and hunger as elements that reveal inequalities in marriage and in the exercise of parenting. Motherhood, in its turn, is discursivized not only as a torment but also as a source of renewal and an affective dimension.

**Keywords:** Brazilian literature; Carolina Maria de Jesus; Class; Gender; Race.

### **CAROLINA MARIA DE JESUS MÁS ALLÁ DE LOS CLICHÉS: UN ANÁLISIS DISCURSIVO DEL PERSONAJE MARIA CLARA EN *PEDAÇOS DA FOME***

**Resumen:** Este artículo explora varias facetas identitarias discursivas relacionadas con Maria Clara en *Pedaços da fome* (1963), de Carolina Maria de Jesus. Es un trabajo de Análisis Crítico del Discurso, desde una mirada interseccional que comprende matices de clase, de género y de raza. Las discusiones emprendidas aquí apuntan a revelar contrastes entre los contextos rural/riqueza y urbano/pobreza, en los que se entretujan relaciones asimétricas. Además de una necropolítica/geografía humana de la indigencia, la novela constituye la miseria y el hambre como elementos que revelan las desigualdades en el matrimonio y en el ejercicio de la crianza. La maternidad, a su vez, es discursivizada no sólo como tormento, sino también como fuente de renovación y dimensión afectiva.

**Palabras Clave:** Literatura brasileña; Carolina Maria de Jesus; Clase; Género; Raza.

### **CAROLINA MARIA DE JESUS AU-DELÀ DES CLICHÉS: UNE ANALYSE DISCURSIVE DU PERSONNAGE MARIA CLARA DANS *PEDAÇOS DA FOME***

**Résumé:** Cet article explore plusieurs aspects identitaires discursifs relatifs à Maria Clara dans *Pedaços da fome* (1963), de Carolina Maria de Jesus. Il s'agit d'un travail d'analyse critique du discours, dans une perspective intersectionnelle qui considère les nuances de classe, de genre et de race. Les réflexions menées ici mettent en évidence des contrastes révélateurs entre les contextes rural/riche et urbain/pauvreté dans lesquels s'entremêlent des relations asymétriques. Au-delà d'une nécropolitique/géographie humaine de l'indigence, le roman constitue la misère et la faim comme éléments révélateurs des inégalités dans le mariage et dans l'exercice de la parentalité. La maternité, à son tour, est discursivisée non seulement comme un tourment mais aussi comme une source de renouveau et une dimension affective.

**Mots-clés:** Littérature brésilienne; Carolina Maria de Jesus; Classe; Genre; Race.

## **INTRODUÇÃO**

- “O meu filho João José perguntou-me:  
- Mamãe, o que há por detrás do mundo?  
- Não sei, meu filho! Porque eu nunca saí de dentro do mundo.  
- Então a senhora não é poetisa, porque o poeta deve saber tudo e a senhora não sabe nada!  
- É que ninguém pode dizer: 'Eu estudei tudo que existe no mundo!'”  
Carolina Maria de Jesus, em *Meu sonho é escrever* (2018)



A epígrafe que inicia este artigo foi retirada do livro mais recentemente publicado, no Brasil, pela escritora Carolina Maria de Jesus. Em 2021, esta que é considerada a precursora da literatura periférica brasileira (MIRANDA, 2013), recebeu o título de doutora *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Carolina de Jesus é uma intelectual que exemplifica, de forma brilhante, a possibilidade de transitar por diferentes identidades e contribuir, de forma significativa e diversa, para reflexões críticas em torno do que pode ser considerado viver nos séculos XX e XXI, uma vez que suas ideias ainda são demasiadamente atuais.

A literatura caroliniana é um instrumento de denúncia social, produzido por alguém que efetivamente sobrevivia em condições miseráveis, uma vez que boa parte de sua produção foi realizada enquanto morava em favelas e nas periferias do país. Natural da cidade de Sacramento, no sudeste de Minas Gerais, Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914. Era neta de pessoas que haviam sido escravizadas durante a colonização europeia no Brasil, e uma dentre oito filhos de uma lavadeira analfabeta. Desde criança, manifestava o desejo de aprender a ler e a curiosidade incessante sobre o mundo, como pode ser observado em livros que contam suas memórias de infância, como o *Diário de Bitita*, publicado pela primeira vez, na França, em 1982.

Carolina de Jesus morou na extinta favela do Canindé, na zona norte de São Paulo, cidade para a qual migrou, em 1947, a pé, com a meta de encontrar melhores condições de vida. Foi nesse espaço que criou, sem a presença e o apoio dos pais biológicos, seus três filhos: João José (1948), José Carlos (1950) e Vera Eunice (1953), cada um de um relacionamento diferente. Foi no Canindé que seu talento como escritora foi descoberto: o jornalista Audálio Dantas estava no local, em busca de material para uma reportagem sobre a favela que crescia acentuadamente. Após ter conversado com Carolina, que lhe deu partes de seus escritos, em formato de um diário autobiográfico, Dantas os reuniu em formato de livro, tendo sido este o primeiro lançamento de Carolina: o *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, lançado em 1960, pela extinta livraria Francisco Alves. Foram impressos mais de cem mil exemplares desta publicação, que foi traduzida para 14 idiomas e disponibilizada em mais de 40 países, tornando-se um marco importante para a literatura brasileira.

De acordo com levantamento mais recente realizado para a realização da mostra “Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros”, no Instituto Moreira Salles, em



São Paulo, existem cerca de seis mil páginas manuscritas por Carolina, entre romances, contos, crônicas, poemas, peças de teatro, canções e textos de gênero híbrido, dotadas de estilo próprio, e que confrontam os ditames da tradição literária e da norma padrão culta da língua, muitas das quais ainda sequer vieram a público<sup>3</sup>. Ainda em vida, além de seu diário, Carolina também publicou os livros *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961); *Pedaços da fome* (1963) e *Provérbios* (1965). Já, de forma póstuma, foram publicados, além do já citado *Diário de Bitita*, também os livros: *Meu estranho diário* (1996); *Antologia pessoal* (1996); *Onde estaes felicidade?* (2014) e a publicação da qual a epígrafe deste artigo faz parte.

Apesar de toda a sua magnitude, Carolina morreu no dia 13 de fevereiro de 1977, com 63 anos, esquecida pelo mercado editorial, em um sítio em Parelheiros, que foi comprado com parte do dinheiro que havia arrecadado com a venda de seus livros. Sendo assim, este texto busca demonstrar, dentre os legados deixados por Carolina de Jesus, a importância histórica de sua literatura para os estudos discursivos contemporâneos. O enfoque deste artigo é refletir, de maneira crítica, sobre os discursos e a interseccionalidade de classe, de gênero e de raça que demarcam as identidades da personagem Maria Clara que protagoniza o livro *Pedaços da fome*, terceiro romance publicado no Brasil por uma mulher negra, de acordo com a pesquisa de Miranda (2013). O primeiro romance que se tem registro foi *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, e o segundo foi *Água Funda* (1946), de Ruth Guimarães.

*Pedaços da fome* é um romance de ficção de Carolina Maria de Jesus, que, embora se trate de uma história inventada, é bastante real em relação ao retrato do Brasil do início da década de 1960. Um levantamento, publicizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1957, contava 141 favelas em São Paulo, com pouco mais de 8 mil domicílios e cerca de 50 mil favelados. Entre 1955 e 1960, a inflação no Brasil subiu a uma média de 23% ao ano, segundo o IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas. Além disso, a segunda metade da década de 1950 foi marcada pela modernização industrial do país, que resultou num processo inflacionário e no aumento da desigualdade, com uma maior produção de riqueza que não chegava para todos. Uma realidade que se

---

<sup>3</sup> Mais detalhes sobre esse dado podem ser lidos no seguinte website: <https://www.geledes.org.br/exposicao-no-ims-conta-a-historia-de-carolina-maria-de-jesus-uma-das-mais-importantes-escritoras-do-pais/>.



repete nos dias atuais, sobretudo a partir do advento da pandemia e das alianças políticas recrudescidas que ascenderam ao poder no país.

Publicado, por uma única vez, em 1963, *Pedaços da fome* antecede, em apenas um ano, a eclosão do golpe militar brasileiro, que ajudou a silenciar Carolina de Jesus, uma vez que ela retratava aspectos que não colaboravam para a promoção dos valores que interessavam à propaganda ditatorial-militarista para o mundo. Por meio dos diálogos e dos pensamentos das personagens, neste livro, podemos identificar várias denúncias de injustiças sociais, deixando uma marca da identidade da própria autora no texto e que se aproxima dos relatos presentes em seus escritos autobiográficos.

Com narrador/a (não fica explícita identidade de gênero de quem narra a história) em terceira pessoa, onisciente, a ficção gira em torno de Maria Clara, uma mulher branca, filha de um coronel, que se apaixona e se casa com Paulo Lemes, um homem mentiroso, falso dentista, que depois se revela miserável, de dinheiro e de espírito. Eles fogem do interior e vão para a capital paulista, e acabam indo viver em um cortiço, depois na rua e, enfim, numa favela. Durante sete anos de casamento, o casal tem seis filhos, os quais Maria Clara sustenta sozinha com o próprio trabalho que é obrigada a aprender, tendo exercido funções de doméstica, de lavadeira e de costureira, sempre explorada e maltratada por quem a contratava.

Nesse sentido, este artigo irá refletir sobre três momentos da trajetória de Maria Clara ao longo da ficção, a partir da cronologia da própria obra: o início em que a personagem ainda usufrui de privilégios por viver na casa de sua família, quando então se apaixona por Paulo Lemes; o declínio socioeconômico da protagonista a partir do momento que passa a viver na pobreza; e o momento em que se torna mãe, quando não conta com o apoio afetivo de seu companheiro.

### **CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO COMO PONTO DE PARTIDA**

As análises e as discussões empreendidas neste trabalho se orientam principalmente pelas diretrizes essenciais da Análise Crítica do Discurso (ACD) (BLOMMAERT, 2005; FAIRCLOUGH, 2015) em sua versão da Abordagem Dialética-Relacional (ACD-ADR). Entre os vários tipos de ACD disponíveis, compreende-se que



a ADR é a perspectiva que mais habilita o/a analista a administrar contextos amplos e transicionais, mais gerais e marcados por mudanças sociais.

A ADR articula o objetivo principal da ACD relativo à “desnaturalização” com o conceito de dialética. Nesse sentido, essa perspectiva visa compreender os seres, objetos e processos em seus movimentos funcionais e transformadores. Isso significa que a dialética “(...) compreende as coisas e suas representações, ideias, em sua conexão essencial, concatenação, movimento, origem e fim, (...) de vida e morte, de mudanças progressivas e regressivas” (ENGELS, 1947, p. 14). Embora essas ocorrências impliquem vivacidade, na maioria das vezes, elas podem ser invisíveis. Assim, sob a égide da ADR-ACD, este artigo procura apreender essas transformações, tornando-as perceptíveis no ritmo em que ocorrem, tanto quanto possível.

Como derivação dessa abordagem, e em um sentido mais metodológico, este artigo admite três etapas gerais de análise dos dados: descritiva (texto), interpretativa (processos) e explicativa (social). Esses estágios (FAIRCLOUGH, 1995a, 1995b) interligam as três dimensões do discurso: o objeto de análise (neste caso, o texto verbal); os processos de produção e recepção desse objeto (escrita e leitura); e as condições sócio-históricas que orientam esses processos.

Conforme sugerido em outros trabalhos (ALVES ARAUJO, 2019; ARAÚJO e SOUSA, 2020; ARAÚJO, SOUSA e LOPES, 2021; ARAÚJO, 2018; 2019; 2021), a representação é o elemento que conecta a produção de sentido da língua à sociedade e à cultura. Usar a língua significa geralmente representar, ou seja, ‘nomear’, ‘referenciar’, posicionar pessoas, objetos e ideias, entre outras coisas, “no mundo social e destacar certos aspectos” desses elementos (HANSEN e MACHIN, 2019; MACHIN e MAYR, 2012, p. 174–182). Esses sentidos estabelecidos via uso da língua ilustram quase sempre relações desiguais (de poder). Esses mesmos efeitos de sentido se associam ou se articulam em face de uma perspectiva social particular de interesse (ideologia), evidenciando formas de elaborar o mundo a partir de um ponto de vista social (discursos) e em relação de consentimento/oposição a um projeto de liderança/dominação (hegemonia).

Na obra literária, a representação (inclusos aí poder/hegemonia/ideologia/discurso) alcança essa importância porque a língua é, dentro do contexto sociocultural, o meio privilegiado no qual os significados são produzidos, intercambiados e realizados (HART e WINTER, 2022; RAMSBY, 2020). A linguagem



literária funciona como um sistema representacional ou de significação. De alguma forma, ela materializa parte dos significados culturais compartilhados e constitui simbolicamente o território onde a diferença é marcada e projetada.

Determinadas representações, quando estabilizadas em forma de práticas sociais e discursivas, consolidam-se em amálgamas relativamente fixos, os quais podem incluir ou ser instanciados enquanto identidades; isto é, enquanto articulações entre sujeitos sociais e práticas discursivas (MILANI, 2015). Com efeito, a formação de identidade é sempre relacional, uma performance, um jogo de constantes (dis)junções entre seres humanos e certos discursos/representações. Identidades de classe, raça e de gênero são, em grande medida, ilustrações dessa conexão entre representações e performances. Conforme sugerido na próxima seção, em que se discutem justamente essas dimensões, esses marcadores identitários se imbricam e se entrecruzam em vários pontos da representação discursiva e das práticas sociais.

### **CLASSE, GÊNERO E RAÇA EM QUESTÃO: UMA ABORDAGEM INTERSECCIONAL**

Como apontado anteriormente, este texto analisa o discurso através de um ângulo interseccional, uma vez que se compreende que a personagem Maria Clara, de *Pedaços da fome*, é recortada por três marcadores de diferença (MOUTINHO, 2014): classe, gênero e raça. Logo no início da obra, quem a lê toma conhecimento de que se trata de uma mulher (assumidamente cisgênera), pertencente a uma família de classe média-alta, que vive no interior do estado de São Paulo, e que é racialmente lida como branca, assim como seus familiares. Vale ressaltar que este é o primeiro livro de Carolina de Jesus em que é retratada uma protagonista branca. Portanto, essa obra de ficção permite à autora construir um imaginário em torno de um viver que não experienciava, afinal apesar de também mulher, Carolina não era branca e sequer havia nascido em uma família abastada economicamente.

A racialização presente na narrativa de *Pedaços da fome* é transversal à obra, porém não atua em um primeiro plano, como indicam outros estudiosos:

Maria Clara chega a ter crises de consciência posteriormente sobre a forma com que tratava os mais pobres, mas não há em nenhum momento qualquer reflexão sobre a cor dos trabalhadores (PUREZA, 2017, p. 60).



É possível, inclusive, para alguém que não está acostumado/a a racializar os processos que vive, ler todo o livro sem sequer se atentar para esse componente que, a nosso ver, é parte importante da construção discursiva por Carolina de Jesus. Maria Clara e, por consequência, seus familiares são as únicas personagens propositalmente identificadas, em termos de cor/raça, pela autora, segundo também apontam outros estudos: “Maria Clara acaba, por sua vez, reverberando o tom oficial dos estudiosos sobre a pobreza no Brasil nas décadas de 1950 e 1960” (PUREZA, 2017, p. 66). As demais personagens do livro - incluindo Paulo Lemes, que desempenha parte central no livro - não são, em momento algum, racializadas:

Em última análise, poderia se afirmar que a protagonista criada por Carolina Maria de Jesus carregaria consigo um dos privilégios mais típicos dos processos da branquidade, no caso, o de apagar as tensões raciais ao redor dela. Não é apenas a protagonista que assume esse papel, pois o narrador da obra também não toca na questão da raça, não identificando a cor dos demais personagens; somente Maria Clara é que ganha a dimensão exata, pois ela é uma mulher branca (PUREZA, 2017, p. 60).

Nesse sentido, fica visível a relevância de partir do princípio da interseccionalidade para buscar compreender *Pedaços da fome*. Sua protagonista é a única personagem racializada e, para além disso, tem-se, na obra, uma personagem feminina (algo ainda incomum no momento histórico em que o livro é lançado) (MELLO, 2013). Maria Clara é afetada por uma mobilidade social descendente, o que poderia ser considerada inesperado: ela deixa sua família para se casar com um homem que a leva a viver na pobreza, tornando-se mãe-solo, já que não podia contar com o apoio de seu companheiro para garantir qualquer estratégia de sobrevivência para sua família. No entanto, ao final do romance, é dada a ela a oportunidade de voltar a usufruir de seus privilégios sociais e raciais, uma vez que sua família branca e economicamente favorecida tem condições de recebê-la de volta, quando decide não mais sofrer com as calamidades às quais havia sido exposta após seu matrimônio:

(...) Em última instância, um dos grandes privilégios da figura de Maria Clara é justamente a facilidade em esquecer sua pobreza (...). Há, nas entrelinhas, um chamado sutil para que o leitor perceba que a ascensão social seria possível somente num meio em que a raça fosse irrelevante – e, nesse caso, estaria se reconstituindo silenciosamente o privilégio da branquidade (PUREZA, 2017, p. 63).



Carolina de Jesus talvez - por sua pouca escolaridade formal, já que estudou até a segunda série do ensino fundamental - não reconheceria o potencial interseccional de sua narrativa, mas, na prática, o fez com excelência. Trata-se de uma construção discursiva permeada pela interseccionalidade que demarca as múltiplas identidades que carrega a protagonista de seu primeiro romance publicado. “A obra objeto de estudo traz à tona uma figura feminina que exerce variados papéis sociais que podem ser observados *exempli gratia* como a mãe, a esposa, a mulher, a filha, a patroa, a empregada, a branca...” (FRONZA e COSTA, 2019, p. 148). Talvez sem um explícito projeto para abordar criticamente a branquitude brasileira, Carolina de Jesus também o faz, a partir de um olhar interseccional, afinal:

Os estudos da branquitude não tratam apenas do combate à desigualdade racial, mas de todas as menções de injustiça ao longo de gênero, classe, sexualidade e até sobre quem porta uma deficiência (SUEYOSHI, 2013, p. 389, tradução nossa).

Acerca do conceito de interseccionalidade, é importante dizer que comungamos da explicação da feminista afroestadunidense Crenshaw (2002, p. 177), quando afirma:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.

Com base em uma perspectiva interseccional, esta obra e tudo que a transversaliza podem configurar nossas interpretações de *Pedaços da fome*. Elas são realizadas a partir da compreensão de que Maria Clara, por exemplo, tem a intensidade necessária de uma protagonista, uma vez que apresenta uma complexidade identitária que a humaniza. Assim sendo, é salutar compreender *Pedaços da fome* a partir desse prisma, a fim de abarcar a densidade que a obra carrega, o que pode ser observado pelos marcadores identitários que sua protagonista apresenta: uma mulher que foi educada para responder às expectativas sociais de seu tempo, mas que, por outro lado, teve que romper com seus valores familiares para poder lutar por sua sobrevivência em uma sociedade desigual, diversa e injusta, como a brasileira (FRONZA e COSTA, 2019).

### O APOGEU DE MARIA CLARA



As primeiras páginas de *Pedaços da fome* conduzem quem lê o romance a identificar onde se passa o início da história, a casa onde vive Maria Clara, e quem compõe sua família. Trata-se de “uma residência suntuosa” (JESUS, 1963, p. 15), construída pelo pai da protagonista, o coronel Pedro Fagundes, afastado do exército, e que se envaidece, segundo o/a narrador/a da obra, ao receber elogios sobre a beleza da arquitetura da propriedade. Nela, moram pai, filha e a mãe, dona Virgínia, casada há 20 anos com o coronel e que, nas palavras de seu marido, era “boa dona de casa, boa espôsa e boa enfermeira” (JESUS, 1963, p. 18). Assim como sua genitora, Maria Clara também é apresentada como uma garota exemplar: “Era considerada a melhor aluna da classe. (...) A filha do coronel era uma boneca de porcelana” (JESUS, 1963, p. 21-22).

Ainda que somasse diversos atributos, como sua beleza física e dotes de “uma esposa prendada para que o pai e/ou marido pudesse exibi-la na sociedade como seu adorno primacial” (FRONZA e COSTA, 2019, p. 148), a protagonista sofria com a falta de experiências amorosas em sua vida. “Ela também era mulher e desejava ser amada, ser venerada” (JESUS, 1963, p. 23).

Como resolução de sua frustração, a personagem - em um momento de contemplação da paisagem, no portão de sua casa - avistou um jovem de 22 ou 24 anos de idade, que veio lhe cumprimentar. Era a primeira vez que conversava com um homem (para além de seu pai). Logo nas primeiras frases trocadas, ele já lhe diz que ela era a “jovem mais bonita dêsse mundo” (JESUS, 1963, p. 28). Aquele tornar-se-ia, então, seu primeiro e único companheiro amoroso: Paulo Lemes. Ele era um dentista de São Paulo que estava cansado da agitação da capital e que ansiava por montar um gabinete dentário, quando tivesse condições financeiras para tal.

A primeira impressão que Lemes deixara para Maria Clara foi grandiosa, a ponto dela afirmar que era uma “felizarda” (JESUS, 1963, p. 34) e que, se pudesse, permaneceria “sempre ao lado dele” (JESUS, 1963, p. 37). Com o sonho de que aquele homem pudesse se tornar “o leme” da sua vida (JESUS, 1963, p. 39) e sem saber que “os homens gostam de ser obedecidos” (JESUS, 1963, p. 42) - conforme pontua o/a narrador/a de *Pedaços da Fome* -, a protagonista da obra acreditava que aquele era o companheiro ideal para construir uma família e, por isso, aceitou sair para dar um passeio de trem, pago com sua própria mesada, acompanhada de Lemes. No entanto, o trajeto sequer chegou a ser iniciado, pois o casal foi interceptado pela polícia, uma vez que o



motorista que havia levado Maria Clara à estação ferroviária avisou seu pai sobre uma iminente fuga da filha com aquele homem que não era conhecido nem fiável.

Foi então que Maria Clara foi obrigada a se casar com Lemes, já que o coronel não queria que ela ficasse mal falada pelas pessoas que habitavam a cidade do interior paulista onde a família Fagundes era tão respeitada. Para tanto, o genitor da protagonista havia outorgado que o casal vivesse na propriedade de sua família, pois se preocupava em garantir que ela continuasse a não conhecer preocupações (JESUS, 1963, p. 58-59). Entretanto, Lemes a obrigou a largar todos os privilégios que tinha em sua casa (era filha única e paparicada por todas e todos, além de muito respeitada pelos/as funcionários/as da família) e ir para São Paulo com ele. O plano foi colocado em prática às escondidas e a contragosto dos pais e, ao que parece, até mesmo de Lemes, pois o mesmo afirmou pouco antes da saída da casa: “Vim solteiro e retorno-me casado, confesso que não aprecio este gênero de aventura” (JESUS, 1963, p. 67).

Mal sabia Maria Clara a real aventura que lhe esperava a partir da tomada de decisão de seguir seu recém-esposo para a cidade de onde ele lhe havia dito que viera. Ao contrário da vida de facilidades e benesses que levava, a personagem iria ter que conhecer um outro lado de seu companheiro que sequer imaginara. Acerca desse momento de virada na vida da protagonista, elaboramos a próxima parte deste artigo.

### **O DECLÍNIO DE MARIA CLARA E O DESCORTINAR DA MISÉRIA**

Sob a ilusão de que se tornara a esposa de um dentista bem-sucedido, Maria Clara e Paulo migraram do interior para a capital, São Paulo. É interessante observar que esse momento de mudança marca uma dupla transição. De um lado, a protagonista deixa o campo, ambiente de natureza, para povoar a cena urbana. De outro, ela inicia sua jornada de transição entre o jugo patriarcal, mas afetuoso, de Pedro Fagundes, e a relação progressivamente pungente e conflituosa com o marido, Paulo Lemes. Nesse contexto, as zonas rural e urbana encarnam diferentes modos de patriarcado e distintas formas de experimentar as relações entre classe-gênero. Na cidade, estabelece-se o patriarcado matrimonial e a existência de miséria, enquanto no campo se fundamenta o patriarcado familiar e a vida de opulência.

À medida que vivencia os fatos que primeiro sustentaram seu afeto por Paulo, como seu ilusório capital cultural e econômico, não passam de uma miragem, Maria Clara



vai adquirindo uma consciência cada vez mais ampla sobre as desigualdades do mundo, tanto aquelas que se referem ao gênero, quanto as atinentes à situação socioeconômica e cultural dos diferentes grupos urbanos: “Desconhecia as classes sociais; não sabia que existia paupérrimos, médios e ricos” (JESUS, 1963, p. 71). Dessa forma, a protagonista vai se despindo de sua posição de classe, sua posição de mulher privilegiada, para enxergar o que de fato se oculta por trás da cortina de privilégios que mantinha: “(...) Fora feliz quando estava aos cuidados de sua mãe e de seu pai, como dentro de uma muralha, protegida dos infortúnios da vida” (JESUS, 1963, p. 75).

Ao mesmo tempo, o poder patriarcal atribuído a Paulo Lemes por Maria Clara, bem como a admiração desta em relação ao marido começa a se deteriorar ou se refazer de modo diverso: “Meu Deus, então você é pobre? [...] Pobre não presta! Não tem valor” (JESUS, 1963, p. 71). É como se a relevância e privilégio de Paulo enquanto homem fossem em certo grau diminuídos pela ausência de capital econômico/cultural: “[...] Eu pensava: o homem é o óleo do mundo. Agora [...] vejo que você de homem só tem a forma. [...] O homem para ter força moral necessita ter dinheiro! Se êle não tiver dinheiro, é humilhado” (JESUS, 1963, p. 71, 77, 83). Como fundamento dessa percepção de Maria Clara encontra-se o discurso meritocrático de que a pobreza é fruto da indolência, da apatia e da inércia, não de um sistema capitalista opressor - esse discurso, contudo, transforma-se mais ao fim da narrativa, tanto para aludir à explicação rara de que a miséria é efeito sistêmico, quanto para enfatizar certa crença pervasiva de que a pobreza pode ser fruto do destino/carma (ver última seção).

Paradoxalmente, é essa miséria que começa a compelir Maria Clara a assumir um papel de maior liderança, quer seja na economia, quer seja no lar ou na família: “Você vai aprender a lutar” (JESUS, 1963, p. 77). Com efeito, esperar-se-ia que o capital cultural da protagonista, este que não pode ser removido necessariamente pela imposição da classe, fosse o elemento catalisador dessa assunção de liderança. No entanto, sua posição paupérrima de mulher e esposa, mais tarde mãe, apenas lhe reserva lugares ordinariamente ocupados por mulheres negras, lavadeira/passadeira, costureira, faxineira e afins. Assim, o capital cultural de Maria Clara praticamente se invalida pela sujeição de seu gênero e pela marginalização de seu lugar social e econômico; ao passo em que seu branco padrão de beleza, elemento de opressão sobre mulheres negras, perde valor por se localizar no seio da pobreza material absoluta, mas não deixa de ser notado e apontado, bem como sua formação sociocultural.



Sob esse mesmo prisma, a narradora faz questão de continuamente contrastar a imagem e a presença excepcionais de Maria Clara com o ambiente decadente no qual passa a habitar. A beleza feminina, por exemplo, identificada como sendo implicitamente oriunda da branquitude e das classes mais favorecidas, passa a transitar e repousar no âmago do feiume que a pobreza representa: “Tão linda no meio dos capins que saíam do colchão digno de aposentadoria” (JESUS, 1963, p. 73). Entretanto, não demora muito para que a própria aparência física de Maria Clara comece a indexar os impactos da miséria: “As côres rosadas ausentavam-se do seu rosto. O seu olhar perdeu aquêlê brilho de outrora. O seu aspecto era cadavérico” (JESUS, 1963, p. 79). Na visão patriarcal da protagonista, à mulher pode bastar ser bela e culta, mas para o homem a beleza/cultura não é suficiente: “Que grande êrro comete uma mulher que ama um homem só porque êle é bonito!” (JESUS, 1963, p. 79). Em um contexto de profundas desigualdades de gênero, de disparidades quanto ao acesso ao mercado de trabalho, e a uma desigualdade na remuneração entre homens e mulheres, a expectativa de que o homem seja o provedor supera a expectativa de que a aparência física deste seja suficiente para um casamento feliz.

No âmbito do matrimônio, a submissão de Maria Clara em relação ao companheiro também começa a ser questionada, já que o patriarcado em regime de afluência econômica parece propor distintas relações de poder sobre o corpo feminino em comparação ao patriarcado cotidiano em meio à pobreza das famílias brasileiras, majoritariamente lideradas por mulheres pretas e pardas (FERREIRA, BRUNO e MARTINS, 2019). Ainda assim, absorto no machismo naturalizado que o educou, Paulo em muitas ocasiões resiste em aceitar a mulher como chefe do lar e da família, mesmo na miséria. A saída para não se submeter à liderança forçosamente construída pela esposa seria deixá-la de uma vez por todas. No auge de sua consciência de classe, e no exercício de seu privilégio de gênero que coloca Maria Clara na posição de criatura [passiva] a ser protegida/cuidada/provida, Paulo compreende que o sofrimento da mulher se intensifica e que o afeto entre os dois se esfacela na presença do abismo de classe que os aparta: “Eu não posso viver com você porque não tenho recursos para conservar-te ao meu lado” (JESUS, 1963, p. 83).

É também a nova classe socioeconômica que enseja uma tomada de consciência sobre o matrimônio como devaneio que aprisiona a mulher através de expectativas surreais: “Quando você casar-se há de ser feliz. [...] Venerei o Paulo como se *êle fôsse*



um santo. Uma estrela caindo do céu...” (JESUS, 1963, p. 75). Muitas dessas expectativas, calcadas em mitos sobre as regalias do homem de classe média-alta, reiteram o poder patriarcal e aprofundam visões sexistas sobre o papel social de homens e mulheres: “[...] Pensei que os homens eram todos iguais, superiores e dinâmicos porque os amigos do papai eram todos assim” (JESUS, 1963, p. 76). No entanto, a pobreza extrema vai revelando a Maria Clara que o poder masculino da classe média-alta rural se distingue marcadamente do que se exerce nas vilas operárias e cortiços, de modo que nem todos os homens/maridos são iguais, embora comparáveis. A miséria ao lado do marido vai revelando também faces cruéis da vida de casada que a protagonista jamais cogitou existir, já que seu privilégio social a impedia de antecipar/notar essas dimensões.

Por outro lado, esse ingresso de Maria Clara no mundo da pobreza trata-se também de uma viagem moralizante. Na medida em que adentra a angústia da miséria, a personagem exercita sua penitência mental, à semelhança da parábola do filho pródigo, e retira de seu lugar de poder consentido o esposo com quem passa a viver. Do ponto de vista de Maria Clara, a mulher empobrecida desafia em algum grau as relações assimétricas naturalizadas de gênero e, em muito maior medida, as de classe: “Como é sacrificada a vida dos assalariados. É por isso que *êles* reclamam da existência. Serão os ricos os causadores *dêste* descontentamento?” (JESUS, 1963, p. 91).

As lições aprendidas com a nova experiência de paupérie emergem logo nos primeiros momentos de sofrimento, de modo que a Maria Clara predileta e beneficiada pelos cuidados familiares inicia uma tomada de consciência acerca da empatia, da solidariedade e da dor dos que vivenciam a pobreza: “Consagrarei minha vida à caridade, auxiliando os pobres já que *êles* tanto sofrem no mundo. E Deus há de ter pena de mim” (JESUS, 1963, p. 78). Assim, a protagonista, no ritmo em que se apercebe miserável, caminha também a passos largos em direção ao divino e à religião não apenas como fonte de refúgio e alívio para problemas de ordem material, mas também como fundamento para compreender e explicar as relações de exploração entre classes e gêneros (COSTA, 2016; ANTONIO e LAHUERTA, 2014; ROCHA, 2020). Por conseguinte, a pobreza, que é em alguns pontos observada enquanto consequência do demérito, passa a ser vista cada vez mais como fruto do destino/carma e dos desígnios de Deus (TAMAYO, 1994), sobretudo a partir do instante em que Maria Clara se torna mãe, conforme discutido na próxima seção.



Por volta da metade da narrativa, Maria Clara ingressa em outra dimensão que sua condição no mundo lhe permite experimentar, a maternidade. Esse lugar sociocultural é recorrente nos trabalhos de outras escritoras negras (EMECHETA, 1979; VERA, 1994; 1998), as quais refletem de suas respectivas posições espaço-temporais os entrecruzamentos de classe e de gênero por meio desse fenômeno de trazer um criança ao mundo e educá-la. Justo Maria Clara, filha única, mulher branca, começaria a desempenhar sua função de genitora, como muitas mulheres negras antes e depois dela.

Como se não bastasse sua situação paupérrima, ela teria que carregar o fardo de ter de se preocupar com mais um ser humano, além de si própria e do marido. Nesse sentido, a inércia de Paulo Lemes praticamente força Maria Clara a assumir um papel quase maternal em relação ao marido, garantindo o sustento da casa e os lampejos de um afeto que se definhava com a miséria. A chegada do primeiro filho evidencia e acelera esse processo que havia se encetado no minuto mesmo em que a protagonista se apercebe pobre: “Maria Clara vivia ao lado de Paulo por viver” (JESUS, 1963, p. 138). Lemes, além de não corresponder ao estereótipo do marido provedor, é inerte, indolente, desprovido de vigor, “não tem qualidades dominantes, (...nem) habilidades, (...tampouco) tenacidade, (...) nem *fôrça* moral, nem crédito” (JESUS, 1963, p. 85).

Em certa medida, o/a narrador/a da obra de Carolina não apenas reflete/reproduz o machismo e outros efeitos do patriarcado em relação às mulheres: “[...] Mas no ato da compra dei teu nome. É você o dono da casa. [...] Você é o chefe da casa” (JESUS, 1963, p. 90, 139). O/A narrador/a também confronta, a partir de uma moral do trabalho, essa mesma ideologia opressora, proporcionando à Maria Clara o lugar de vigor, de esforço e de vontade de viver que faltam ao marido em meio à miséria: “Foi aprendendo a lavar roupas desajeitadamente, o sabão ia enrugando a sua pele e ela olhava para suas mãos e mostrando para Paulo dizia: — Olha a mão da pianista” (JESUS, 1963, p. 91).

Assim, Paulo Lemes é retratado como tendo a condição física e social de exercer seu poder de homem, portanto seu privilégio, mas não o faz, nem quando confrontado com a paternidade, condição que segundo ele mesmo, nas primeiras páginas da narrativa, transformaria os homens [pobres, negros talvez] em seres mais pacíficos, dóceis e ajuizados/cautelosos/temerosos em benefício da prole: “Quem tem filhos aprende a tolerar e a usar o senso, são *poderados* e se *tem* razão, não *dão* alteração. [...] Um pai de



família é um afônico” (JESUS, 1963, p. 42). Isso ocorre, em grande medida, por sua letargia psicossocial, isto é, a ausência de valor moral/coragem, de desejo diante de si mesmo, do mundo e dos outros - até mesmo o romântico jogo metafórico que introduz a relação dos dois na abertura do romance, a noção de Paulo Lemes como o *leme* da vida de Maria Clara, se desfaz antes mesmo da maternidade, situação agravada pela falta de resolução e providência do marido: “A minha vida está sem *leme*, preciso de dinheiro para dar-lhe rota certa” (JESUS, 1963, p. 87). Nesse caso, nem a branca e objetificada beleza de Maria Clara (padrão social imposto às mulheres que se arregimenta pelos traços da branquitude, e talvez por essa razão a protagonista seja elogiada em tantas passagens, como nenhuma outra mulher da narrativa), tampouco a segurança social que o casamento pudesse apresentar foram capazes de obliterar os efeitos da miséria de recursos, e de espírito, no caso de Paulo: “(...) Insistiu Renato, (...) sou capaz de viajar mil quilômetros para conhecer uma bela mulher. (...) O homem casado duplica o seu valor na sociedade” (JESUS, 1963, p. 99; p. 156).

De fato, a marcação de classe parece sobrepôr em alto grau certas nuances de gênero e, em menor frequência, dados aspectos de raça; já que a fome como condição ordinária do ser pobre é, na produção literária caroliniana e para além de uma necropolítica (MBEMBE, 2019), um elemento formador de ambientes, prismas de observação e identidades: “Começo a compreender o mundo. Acho a vida tão sacrificada, principalmente, a vida dos pobres” (JESUS, 1963, p. 110).

Em outro sentido, e como consequência daquela letargia de Paulo, é justamente Maria Clara, no duplo papel de mãe e de esposa que assume uma terceira função, a de provedora do lar. Dessa forma, mesmo sendo branca, sua marca de gênero e sua classe social propiciam a ela essa vivência particular e profunda da pobreza e da maternidade no país, a começar pela ausência de métodos contraceptivos que a conduziram até aquela gravidez não planejada. Além disso, a protagonista acaba por ter seis filhos e por educá-los praticamente sozinha, como ocorre com muitas mulheres negras, mães-solo Brasil afora: “Tenho que criar *meu* filho com leite artificial. Agora sei que não posso contar com você para nada. Já faz um ano que estou mantendo-te (...) Já estou exausta” (JESUS, 1963, p. 139).

Antes disso, mesmo em seu corpo branco, a estrela do romance experimenta o que algumas empregadas domésticas e pretas enfrentam cotidianamente no Brasil - e à época em que se passa a história estes episódios eram ainda mais recorrentes -, o trabalho



quase análogo à escravidão. Maria Clara deixa o cubículo onde mora e passa a (sobre)viver com a tia de seu marido, Dona Raquel. Em troca de moradia e comida, ela começa a trabalhar como faxineira e cozinheira. Diferentemente da Raquel bíblica, heroína-objeto que se torna a preferida do patriarca Jacó e morre em trabalho de parto, a tia de Paulo Lemes torna-se uma patroa excessivamente exigente e exploradora. Nem mesmo o estado de gravidez de Maria Clara era suficiente para aplacar a sede de exploração de Dona Raquel: “[...] Lavou tanta roupa que ficou completamente abatida e exausta. Sentia os ombros doloridos. O seu desejo era deitar para descansar” (JESUS, 1963, p. 101).

Nesse sentido, é preciso notar que a obra de Carolina usa em abundância metáforas em torno do vocábulo “escrava”. Através deste se consubstanciam variadas imagens discursivas da mulher. Assim, ela emerge como objeto de uma exploração econômica e social que o corpo feminino preto conhece tão de perto, tão sistemática e reiteradamente: “Tenho a impressão que estou num degredo. Que sou uma escrava ou uma encarcerada” (JESUS, 1963, p. 115).

Para além disso, a metáfora da escravidão também sugere a mulher como objeto do patriarcado, alvo de desejo de outros homens, ama do marido e serva dos filhos: “Isto não é vida! Você quer transformar-me em escrava. (...) Você disse-me que é meu escravo... mas a escrava sou eu” (JESUS, 1963, p. 143, 189). Persiste, assim, a ideia de que a escrava/empregada da senzala/favela, suficientemente produtiva, detentora dos “bons modos”, da docilidade, polidez e obediência demandadas, seria parte da família: “(...) você agora é da família” (JESUS, 1963, p. 107). O que seria em princípio uma simples prova de afeto torna-se na verdade um instrumento para ratificar a hierarquia econômica, garantir o distanciamento social e denegar direitos trabalhistas e tratamento igualitário: “Começou a chorar, os soluços de Maria Clara irritavam Dona Raquel que queria ver as louças lavadas” (JESUS, 1963, p. 110).

Não obstante, a condição de ser mãe aproxima empregada e patroa: “Nós as mulheres devemos unir-nos para educarmos nossos filhos” (JESUS, 1963, p. 110). Através da maternidade, o sofrimento de Dona Raquel, ao perder o filho Renato, encontra paralelo com a angústia de Maria Clara, ao perder momentaneamente a guarda dos filhos para o conselho tutelar: “Quando um filho morre, a mãe morre com êle. [...] Filhos são hóspedes eternos do pensamento materno. Porque será que não estão ao meu lado? Quem será que teve a coragem de separar-me *dêles*?” (JESUS, 1963, p. 129, 172).



Por conseguinte, esses pontos de contato subsidiam a expansão e exploração do afeto entre patroa e empregada. E é no terreno fértil dessa mesma afetividade que também se reiteram relações de poder envolvendo o gênero. Com efeito, e à semelhança da prole dos antigos senhores de engenho, o fato de os filhos da patroa “gostarem”, “terem desejo” ou “se apegarem” à empregada não alça esta personagem ao patamar de valor que, sob outras circunstâncias, ela mereceria, mas serve majoritariamente para reificá-la como requerida para atender às vontades e necessidades dos membros da família da patroa, sobretudo quando estes são homens e de classe mais alta: “Você pode dar-se por feliz porque o Renato gosta de você. Te dá atenção. (...) Você veio ao mundo para ser feliz!” (JESUS, 1963, p. 110). Uma vez mais, pela instrumentalização do afeto, a empregada (que mora de favor) torna-se fonte de prazer e trabalho gratuitos - “Renato gosta de ser obedecido” (JESUS, 1963, p. 111) -, de modo que a condescendência derivada da desigualdade de gênero se refrata também no exercício explícito de poder do homem rico para com a mulher pobre, e vice-versa: “Quando êle simpatiza com alguém transforma-se em protetor. Isto é para você compreender que os ricos não são maus e protegem os pobres” (JESUS, 1963, p. 110).

A intersecção entre gênero e classe também afeta, evidentemente, as formas pelas quais Maria Clara é percebida e tratada na casa da nova patroa. Esse entrecruzamento faz emergir contrastes entre privilégio e opressão. Se, por um lado, ter “sido criada na opulência” conferiu-lhe “qualidades de ser mulher agradável e atraente” (JESUS, 1963, p. 102), por outro lado, isso também a objetifica, passiviza, conforma-a a dados padrões de aparência e comportamento talvez mais exigidos de mulheres de classe-média alta do que daquelas que são pobres: “Tenho a impressão que arrebatei uma rosa da roseira e não tenho vaso de cristal para depositá-la” (JESUS, 1963, p. 102).

Na medida em que se torna mãe, os questionamentos sobre a miséria e a infelicidade como fruto do destino/carma se tornam cada vez mais frequentes (JESUS, 1963, p. 169, 172), consolidando-se a figura de Deus como a possível fonte de respostas para esses desequilíbrios opressivos: “Deus, porque é que o senhor só me reserva agruras?” (JESUS, 1963, p. 172). Viver na miséria, sendo mulher e oriunda da afluência econômica, fomenta uma realidade paradoxal à protagonista. Mesmo com padrões femininos de beleza atingidos sem a interveniência da condição material, a detenção de capital econômico seria requisito *sine qua non* para que a beleza fosse reconhecida e

validada, tornando-se socialmente uma moeda de troca aceitável: “Você é atraente. É pena ser pobre” (JESUS, 1963, p. 115).

As transformações e adaptações de Maria Clara como mãe (grávida) apontam uma resignação mais evidente diante da nova vida. A protagonista já não se debate tanto contra a realidade que a determina e, talvez em face dessa renúncia, passa a sofrer mais explicitamente os efeitos da penúria, inclusive em sua condição física: “(...) Estava começando a embranquecer os cabelos. Ainda não completara *desenove* anos” (JESUS, 1963, p. 125). Na visão do/a narrador/a de Carolina, o ser mãe transcende as distinções de classe, e a responsabilidade sobre um filho, bem como a experiência de vê-lo partir para a eternidade, têm efeitos concretos sobre o corpo feminino: “Na saída do hospital Dona Raquel parecia ter envelhecido cem anos” (JESUS, 1963, p. 130).

Por outro lado, à medida que o parto se aproxima, as expectativas, as responsabilidades sobre a mulher-mãe, e a pobreza se avolumam, enquanto o marido parece experimentar uma existência menos sofrida (JESUS, 1963, p. 163). O ônus da parentalidade, em virtude do intenso afeto entre progenitora e prole, recai vigorosamente sobre a figura feminina: “Que tortura hedionda para a mãe ouvir: ‘mamãe, eu estou com fome!’” (JESUS, 1963, p. 157). Assim, sendo ela paupérrima, o peso parece ainda maior, já que caberá a ela suprir a ausência dos recursos materiais necessários a uma vida digna, menos injusta e mais saudável: “Os filhos criados com as mães levam uma existência mais amena. O amor de mãe ainda é tudo neste mundo” (JESUS, 1963, p. 126).

Nesse cenário, sua esperança passa também a recair sobre o futuro dos próprios filhos: “Ele não há de deixar-me faltar o pão de cada dia. Os meus filhos são os legados que Deus deu-me” (JESUS, 1963, p. 158). À semelhança do que ocorre na África do Sul - através do chamado *black tax* (MANGOMA e WILSON-PRANGLEY, 2019) - e no Brasil dos anos 1990, 2000 até os dias de hoje (MESQUITA e RAMALHO, 2015; SANTOS e COSTA, 2020), mães-solo vislumbram nos filhos crescidos a oportunidade de geração de renda, para que possam dividir o fardo da pobreza e consigam finalizar a árdua tarefa de sustentar a família: “- Você precisa crescer depressa para auxiliar a tua mãe. Eu hei de conseguir um *emprego* para você” (JESUS, 1963, p. 137).

Independentemente dessa esperança, a figura materna continua sendo alvo das exigências e ônus pela educação e pelo futuro dos filhos, mas sem as benesses que a classe média-alta pode prover: “Tudo farei para auxiliar-te a estudar, para ser o arrimo da família” (JESUS, 1963, p. 158). Aliás, uma observação mais cautelosa da narrativa



permite entrever que quanto maior a esperança a mãe tem de que os filhos possam mitigar seu sofrimento derivado de miséria e ausências, maior será o esforço que ela terá que empregar para que essa esperança venha a se tornar realidade concreta. No fim, recai novamente sobre os ombros dela mesma a responsabilidade de tornar o futuro desejado aos filhos um fato palpável: “Seis filhos hoje em dia é como se *fôsse* mil quilos de chumbo” (JESUS, 1963, p. 161).

A partir do parto, não somente o marido pobre continua sendo um fardo, mas as necessidades da criança vão se constituindo em variadas formas de exaurir as forças que a desnutrição e o abandono não conseguiram remover do corpo materno: “Maria Clara [...] ficava perambulando pelos hospitais filantrópicos, [...] exausta. [...] Quando não tinha dinheiro para comprar leite ela chorava com o filho nos braços [...]” (JESUS, 1963, p. 140). Mesmo quando a figura masculina, por força da necessidade, passa a desempenhar tarefas tradicionalmente vistas como femininas, como lavar louças, o machismo e o sexismo tão característicos da cultura patriarcal emergem para oprimir também o homem: “As vizinhas achavam graça vendo-o de avental lavando as panelas e as crianças afluiam-se dizendo: - Paulo virou mulher!” (JESUS, 1963, p. 141). Dessa forma, cercado pela indigência e desprovidos de capital socioeconômico que lhe dê sustentação contra as investidas do sexismo, o homem parece impelido a assumir um papel marcadamente masculinizado.

Quanto à mãe, Maria Clara, sua posição no discurso se consolida como sujeito de duplo sofrimento. Se por um lado, em face de seu passado afluyente, a protagonista se angustia em aversão à pobreza e à mendicância (JESUS, 1963, p. 154, 155), por outro, ela é instada pelo marido a utilizar de sua condição de mulher e mãe para sensibilizar doadores ricos, tornando-se ela mesma e os filhos pedintes (JESUS, 1963, p. 143, 168). Portanto, a mesma identidade que a torna objeto de exercício do poder da opressão é também o motivo pelo qual uma estratégia de sobrevivência se torna viável, a estratégia da sensibilização/caridade pela condescendência: “(...) Pode sentar-se no viaduto e pedir esmolas. Agora você tem a criança e os ricos condoem-se” (JESUS, 1963, p. 143; 156).

Diante desse quadro, poder-se-ia supor que a aparência bela e branca de Maria Clara, e seu capital cultural, indiciado pelas habilidades com o piano clássico (JESUS, 1963, p. 156, 164), ensejariam um alívio à dor da paupérie; ou ofereciam a ela uma oportunidade de viabilizar seus sonhos, à semelhança da empregada doméstica Adele, em a Ópera Morcego (*Die Fledermaus*). Entretanto, nem a beleza, tampouco o acúmulo de



cultura valorizada pela sociedade de seu tempo é capaz de poupá-la dos efeitos da miséria. Por conseguinte, embora esses dois privilégios possam lhe garantir algumas poucas recompensas imediatas, como alguma atenção, admiração ou bens de consumo, eles também são fundamentos para a construção de apelidos, piadas, preconceito e discriminação, de forma a contrastar o passado pomposo de Maria Clara com seu presente de pobreza extrema.

A maternidade pobre torna-se também a dimensão pela qual os motivos temáticos da religião passam a ocupar mais espaço na narrativa. Para além de prover um papel metafórico aos nomes (cristãos) das personagens, o universo religioso exerce ainda uma função de último recurso diante da paupérie materna. De um lado, a miséria é de longe e de perto o elemento mais ameaçador à continuidade da maternidade ou da vida do rebento, este, por sua vez, a razão e finalidade do agir e pensar da mulher após o parto. Por outro lado, é a figura de Deus e seus santos que oferecem um último refúgio e providência na hora da necessidade extrema: “- Oh! Meu Deus, eu [...] tenho um filho pra criar. Dai-me forças para enfrentar essa grande luta... [...] Pediu ao criador para prolongar sua existência até criar seus filhos” (JESUS, 1963, p. 141, 173).

A mudança da família Fagundes-Lemes para a favela evidencia ainda mais o quadro acima descrito. Sob certa ótica meritocrática, a narradora do romance e a estrela da narrativa colocam em perspectiva a pobreza: “[...] O homem quem deve ter vontade de melhorar e não ser impelido pelos ventos do comodismo ou da preguiça” (JESUS, 1963, p. 189). Os favelados seriam sujeitos que desistiram de lutar contra as condições subumanas em que vivem: “Todos estavam conformados com a ironia do destino” (JESUS, 1963, p. 185). Resignaram-se à vida de miséria e experienciam esta como parte natural de sua existência, como dimensão totalitária da paisagem em que habitam, e talvez como parte constituinte de si mesmos.

Nessa mesma direção caminha a protagonista. As forças que lhe fornece a maternidade não parecem ser suficientes para que prossiga lutando para manter-se combatente contra a indigência: “Estou tão preocupada que não consigo coordenar meus pensamentos” (JESUS, 1963, p. 182). Essas mesmas energias também são insuficientes para que Maria Clara desempenhe ao menos um dos papéis sociais que o patriarcado lhe reservou, o de esposa, considerando que a angústia da existência paupérrima remove do horizonte as amenidades que mitigam ou fornecem válvula de escape aos efeitos opressivos sobre a mulher-esposa (JESUS, 1963, p. 190). Consequentemente, Maria



Clara também nos permite entrever que o patriarcado exercitado através do homem afluente tem maior poder e mais amenidades e refrigérios do que o patriarcado exercido pelo homem miserável, anti-meritocrático, indolente: “O papai é árvore frondosa. Você é a árvore raquítica” (JESUS, 1963, p. 190).

Somente ao fim do romance, com o retorno da figura paterna rica à cena é que a protagonista começa a gozar da maternidade de modo menos doloroso, com todas as amenidades e escapes que o patriarcado economicamente bem-sucedido pode lhe proporcionar. Livre da função de esposa, após a morte do marido, Maria Clara encontra alguma felicidade em sujeição ao capital econômico e social do pai. A relativa dignidade, tranquilidade e segurança que o poder financeiro paterno fornece à viúva e aos filhos parece ser suficiente para obliterar certas relações não-equânimes de gênero, seja sob a égide do afeto familiar, seja sob a justificativa do alívio que os recursos da classe média-alta propiciam.

Assim, a história de Maria Clara ao lado de Paulo Lemes nas profundezas da fome e da miséria nada mais aparenta ser do que um rito de passagem para uma outra consciência sobre a vida, o mundo, as classes sociais: “Tenho a impressão que retorno de uma viagem ao purgatório” (JESUS, 1963, p. 215). É como se a mulher branca, oriunda da alta sociedade, dotada de certos privilégios, ainda que na posição de mãe e esposa, experimentando dos mais pungentes agulhões da pobreza, jamais fosse capaz de verdadeiramente “pertencer” ou “instanciar-se” como corpo endêmico da paisagem de miséria da favela: “[...] Sempre notei que a senhora era uma jóia fora do excrínio” (JESUS, 1963, p. 215). Portanto, o que para Maria Clara parece ser uma desventura da heroína em sua viagem de purificação, é na verdade o cotidiano de tantas mulheres negras, mães-solo, lutando por suas vidas e pela existência de seus filhos Brasil afora.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Pedaços da fome*, Carolina Maria de Jesus opera habilidosos e persuasivos cotejamentos, raramente críticos, entre a condição da mulher pobre/faminta e a situação daquela que goza das benesses da classe média-alta. Em meio à opulência, as assimetrias de gênero parecem mais escamoteadas, menos pungentes e pervasivas. Quando deslocadas para um cenário de miséria, esses desequilíbrios não apenas se evidenciam na condição material da mulher, mas também passam a impactar sua própria



constituição/performance biossocial e psíquica. Se os aspectos mais dolorosos do ser mulher são obliterados pelos privilégios de classe no ambiente rural, na favela a angústia feminina se escancara, já que a fome, o abandono e a ausência de perspectiva de futuro funcionam como princípios formadores de modos de vida, de percepções sobre o mundo, performances e identidades.

Consequentemente, sob a ótica do romance caroliniano, o patriarcado entre ricos e pobres também se exercita de diferentes maneiras. Ao homem de classe média-alta, resguardado pelo discurso da meritocracia e pela moral [religiosa] do trabalho, é dada a oportunidade de não apenas performar sua função de poder consentido, mas de também justificar o desempenho dessa função, garantindo assim a continuidade do exercício desse privilégio masculino e anuência de mulheres que se submetam. Já ao homem favelado, parece ser facultado muito menor grau para o gozo dessas prerrogativas patriarcais. É como se a pobreza nivelasse com maior intensidade homens e mulheres, reduzindo determinadas relações assimétricas, lançando-os no fundo do poço da miséria, onde todos e todas tendem a ser enxergados e enxergadas de formas mais comparáveis.

Por outro lado, a indigência que descortina e intensifica as desigualdades de gênero é também o fator que compele as mulheres a assumirem mais determinadas posições de liderança na economia, na família e no lar. Ao invés de ser a “boneca de luxo” que adorna a mansão, a mulher-mãe encontra-se obrigada a chefiar a casa. Torna-se, portanto, mais proativa e autônoma, mas paga um preço altíssimo por essa nova posição, precisando enfrentar sozinha e com muito mais vigor os efeitos danosos do patriarcado sobre si mesma.

Nesse mesmo sentido, o romance sugere que enquanto o casamento com um homem rico pode amenizar as dores de certas assimetrias de gênero, o matrimônio com um rapaz paupérrimo e indolente produz efeito contrário. A relação a dois na pobreza não apenas explicita o abismo entre homens e mulheres, mas intensifica e materializa do modo mais pungente possível determinados aspectos do sexismo e do machismo.

Por sua vez, a maternidade na miséria possui um papel muito mais profundo, marcante e ambíguo. Sob dado ponto de vista, o ser mãe pobre torna-se um suplício da vida inteira, considerando-se os laços afetivos e biossociais entre a progenitora e sua prole. Portanto, as responsabilidades da figura materna na pobreza só agravam seu sofrimento e destituem sua paz. Sob outra perspectiva, no entanto, a maternidade se constitui razão para que a mulher continue (sobre)vivendo; fonte de forças e esperança



em um futuro menos cruel e desolador para os filhos e para si mesma. É também a maternidade a dimensão que reúne mulheres ricas e pobres (EMECHETA, 1979; VERA, 1994; 1998). Através dela se superam certos anteparos que distanciam figuras femininas na miséria e na classe média-alta. Ser mãe é também elemento conciliador entre os próprios pobres, já que congrega em torno do recém-nascido e da mãe os esforços e recursos escassos de todos os membros de dada comunidade, ao menos em um primeiro momento.

Por fim, a maternidade pobre também se constrói enquanto espaço identitário-social em que a religião, e não os recursos econômicos, passa a desempenhar um papel muito mais relevante. Confrontada com a miséria inescapável, e com a necessidade cada vez mais premente de si mesma e dos filhos, a mulher favelada procura em Deus tanto a energia suficiente para prosseguir lutando pela vida, quanto as explicações que justifiquem as condições materiais de sua existência. O resultado desses movimentos, que ora fracassam, ora fornecem alívio momentâneo/parcial, é uma resignação diante da miséria e da própria vida.

Desse modo, a mensagem final do romance caroliniano parece apontar justamente para o fato de que, enquanto para a mulher branca, oriunda de classe social afluyente, a miséria pode ser um lugar de passagem/carma ou uma experiência desafortunadamente singular, para milhões de brasileiras pretas a indigência não seria uma escolha, mas uma condição dada. Para estas, não haveria porto seguro para o qual retornar, pois – para além da meritocracia e da moral do trabalho – a cor de sua pele, passaporte epidérmico rumo à miséria, determinaria em alto grau o destino que haveriam de cumprir.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIO, G. H. B. de.; LAHUERTA, M. O neopentecostalismo e os dilemas da modernidade periférica sob o signo do novo desenvolvimentismo brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Políticas*, v. 01, n. 14, p. 57-82, 2014.

ARAÚJO, G. A. Teachers' Discourse on English Language Teaching: Faces of Resistance and Neo-colonialism. *International Journal of Critical Diversity Studies*, v. 2, n. 1, p. 71-91, 2019.

ALVES ARAÚJO, G. Discurso docente sobre a língua inglesa: concepções de ensino-aprendizagem, docência e linguagem. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 20, n. 2, p. 226–253, 2019.

ARAÚJO, G. A.; SOUSA, E. R.; LOPES, R. da S. The hour of the star through media lenses: a tribute to Clarice Lispector (1920-2020). *Lingüística y Literatura*, v. 42, n. 79, p. 314–335, 2021.

ARAÚJO, G. A.; SOUSA, E. R. Por uma literatura infantil e juvenil mais afrocêntrica. *Humanidades e Inovação*, v. 8, n. 43, p. 188-204, 2020.

ARAÚJO, G. Os princípios da complexidade e a análise do discurso francesa: efeitos de um paradigma emergente. *Humanidades e Inovação*, v. 8, n. 43, p. 386-299, 2021.

BLOMMAERT, J. *Discourse: a Critical introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

COSTA, O. B. R. da. O papel da mulher no meio petencostal: novíssimas relações de gênero das Assembleias de Deus. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 9, n. 33, p. 60-76, 2016.

CRENSHAW, K. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. *Estudos Feministas*, n. 10, p. 171-188, 2002.

EMECHETA, B. *Joys of motherhood*. London: Allison & Busby, 1979.

ENGELS, F. *Herr Eugen Dühring's Revolution in Science*. Moscow: Progress Publishers, 1947.

FAIRCLOUGH, N. *Critical Discourse Analysis: the critical study of language*. New York: Longman, 1995a.

FAIRCLOUGH, N. *Media Discourse*. London: Edward Arnold, 1995b.

FAIRCLOUGH, N. A dialectical-relational approach to Critical Discourse Analysis in Social Research. In: WODAK, R.; MEYER, M. (orgs.). *Methods in Critical Discourse Analysis*. 3 ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2015, p. 119-148.

FERREIRA, L.; BRUNO, M. M.; MARTINS, F. B. No Brasil, 63% das casas chefiadas por mulheres negras estão abaixo da linha da pobreza. *Carta Capital*, 14 dez. 2019.

FRONZA, C. V. da S. e COSTA, M. E. da. A identidade da mulher na obra *Pedaços da fome*, de Carolina Maria de Jesus. *IPOTESI*, v. 23, n.1, p. 142-152, jan./jun. 2019.

GITLIN, T. *The whole world is watching: Mass Media in the making and unmaking of the New Left*. Los Angeles: University of California Press, 1980.

HANSEN, A.; MACHIN, D. *Media and Communication Research Methods*. 2 ed. London: Red Globe Press, 2019.

HART, C.; WINTER, B. Gesture and legitimation in the anti-immigration discourse of Nigel Farage. *Discourse & Society*, v. 33, n. 1, p. 34-55, 2022.

JESUS, M. C. de. *Pedaços de fome*. São Paulo: Editora Águila, 1963.

MACHIN, D.; MAYR, A. *How to do Critical Discourse Analysis: a multimodal introduction*. London: Sage Publications, 2012.

MANGOMA, A.; WILSON-PRANGLEY, A. Black Tax: Understanding the financial transfers of the emerging black middle class. *Development Southern Africa*, v. 36, n. 4, p. 443-460, 2019.

MBEMBE, A. *Necropolitics*. Durham: Duke University Press, 2019.

MELLO, L. G. R. de. A construção de personagens femininas: uma questão de autoria? (uma leitura de Videiras de Cristal e Amrik). Tese de Doutorado (Faculdade de Ciências e Letras). 126f.



UNESP, Araraquara, 2013, 126f. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103485/mello\\_lgr\\_dr\\_arafcl.pdf;jsessionid=3609DF25442AB9093BEEBF3A2590441E?sequence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103485/mello_lgr_dr_arafcl.pdf;jsessionid=3609DF25442AB9093BEEBF3A2590441E?sequence=1). Acesso em: 07/06/2022.

MENEZES, H. e BARRETO, R. Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros. Texto da curadoria. In: *Instituto Moreira Salles*, 2022.

MESQUITA, S. P. de; RAMALHO, H. M. de B. Trabalho infantil no Brasil urbano: qual a importância da estrutura familiar? *Revista Economia Contemporânea*, v. 19, p. 97-134, 2015.

MILANI, T. M. (org.). *Language and Masculinities: Performances, Intersections, Dislocations*. London: *Routledge*, 2015.

MIRANDA, F. R. de. Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). 153f. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, 153f. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-13112013-100432/publico/2013\\_FernandaRodriguesDeMiranda\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-13112013-100432/publico/2013_FernandaRodriguesDeMiranda_VCorr.pdf). Acesso em: 29/05/2022.

MOUTINHO, L. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 42, p. 201-248, jan./jun. 2014. Dossiê Antropologia, Gênero e Sexualidade no Brasil: Balanço e Perspectivas.

OLIVEIRA, A. L. M. de. Desigualdade de gênero no Brasil é maior entre os ricos. *Fundação Perseu Abramo*, 28 mai., 2019.

PUREZA, F. C. Representações da fome: carestia e racialização na obra *Pedaços da fome*, de Carolina Maria de Jesus. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 66, p. 52-68, abr. 2017.

ROCHA, C. A ascensão e influência das igrejas neopentecostais no Brasil. *Nexo Jornal*, 19 abr., 2020.

RAMSBY, F. H. *Language and Power on the Rhetorical Stage: Theory in the Body*. New York: *Routledge*, 2020.

SANTOS, I. A. dos; COSTA, L. V. O Trabalho Infantil e Domicílios Chefiados por Mulheres: Aplicação de um Modelo Logit a partir de Microdados da PNAD 2019. *XVIII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos*, 2020, Salvador. Anais, Salvador: ABER, 2020.

SUEYOSHI, A. Making Whites from the Dark Side: Teaching Whiteness Studies at San Francisco State University. *The History Teacher*, São Francisco, v. 46, n. 3, p. 373-396, 2013.

TAMAYO, A. Escala fatorial de atribuição de causalidade à pobreza. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 10, n. 1, p. 21-29, 1994.

VERA, Y. *Without a Name and Under the Tongue*. New York: *Farrar, Straus and Giroux*, 1994.

VERA, Y. *Butterfly Burning*. New York: *Farrar, Straus and Giroux*, 1998.

Recebido em: 20/06/2022

Aprovado em: 22/07/2022